

UMA ANÁLISE DO PADRÃO DE COMPORTAMENTO FEMININOS NAS CANÇÕES DE GABY AMARANTOS¹

Débora Cristina Almeida de França²

RESUMO

Esse artigo se propõe a analisar a representação da mulher dentro de um contexto musical específico, buscando entender como a mulher é inserida, retratada e percebida nesse cenário. As letras podem abordar como as identidades de gênero interagem com outras dimensões da identidade, permitindo a percepção da representação de questões de interseccionalidade, como raça, classe e orientação sexual. Além disso, a análise de letras de músicas do gênero “tecnobrega” é fundamental para compreender como as representações de gênero estão interligadas com a cultura e a sociedade. Trata-se, metodologicamente, de uma abordagem qualitativa, na qual, das 56 músicas interpretadas pela cantora Gaby Amarantos, foram retiradas cinco músicas do seu segundo álbum lançado em 2021 intitulado “Purakê”, sendo elas: “Selfie”, “Amor Fake”, “Última Lágrima”, “Vênus em Escorpião” e “Tchau”. As músicas foram selecionadas por serem todas de autoria da cantora e por tratarem de temas necessários que devem ser foco de discussões futuras como dependência emocional, o cuidado com relações virtuais e a libertação de relações tóxicas. Este estudo oferece uma perspectiva sobre como as representações de mulheres na música popular podem influenciar/traduzem as percepções sociais de gênero e as relações interpessoais. Ele contribui para o diálogo mais amplo sobre igualdade de gênero, destacando a importância de reconhecer como a cultura popular influencia e é influenciada por questões de gênero.

Palavras-chaves: Representações de gênero; Mulher na sociedade; Estudos críticos de discurso.

INTRODUÇÃO

¹ Artigo produzido sob orientação da professora dra Rosângela do Socorro Nogueira de Sousa como Trabalho de Conclusão de Curso à Faculdade de Letras (FALE/CBRAG/UFPA) como requisito para obtenção de diploma de graduação em Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa.

² Discente da turma de Letras – Língua Portuguesa - 2018, UFPA/CBRAG/Campus de Capanema.

A música tem sido historicamente um espelho da sociedade, refletindo seus valores, crenças e identidades. Ela desempenhou um papel significativo na construção e reflexão das percepções de gênero ao longo da história. As representações de gênero na música popular têm variado amplamente, refletindo mudanças sociais, culturais e políticas e a música popular tem sido criticada por perpetuar estereótipos dessa natureza, ao mesmo tempo, também tem sido uma plataforma para o empoderamento feminino. Na região Norte do Brasil, essa relação é especialmente rica e diversificada, onde diferentes influências culturais se entrelaçam para criar um arcabouço sonoro único. Dois gêneros musicais que se destacam nesse contexto são o "brega" e sua ramificação o "tecnobrega", que não só moldaram a paisagem musical local, mas também desempenham um papel significativo na identidade cultural da região Norte do Brasil.

O "tecnobrega" é um exemplo de estilo musical que evoluiu ao incorporar elementos tradicionais e contemporâneos, resultando em uma fusão única de sonoridades. No entanto, essa diversidade musical muitas vezes se contrasta com a homogeneidade de certas representações da figura feminina, que podem variar de submissão a empoderamento, de acordo com as mensagens transmitidas por suas letras e performances.

O gênero primário, o brega, teve origem nas décadas de 1970 e 1980 (Lemos; Castro, 2008 apud Azevedo, 2017, p. 89), destacando-se por suas letras emocionantes e melodias românticas com compositores e intérpretes das classes menos favorecidas economicamente. O tecnobrega se consolidou no início dos anos 2000 (Lemos; Castro, 2008 apud Azevedo, 2017, p. 89) e costuma ser cantado no dialeto local, o que ajuda a preservar a língua e a cultura da região. Surgiu em um contexto em que os artistas começaram a distribuir as suas músicas em CDs produzidos domesticamente a preços acessíveis, alguns como: Banda Calypso, Gaby Amarantos, Ar15, Fruto Sensual, Electro Gang, Viviane Batidão, Os Brothers Band, entre outros.

Ao analisar a representação da mulher dentro de um contexto musical específico, busco entender como a mulher é inserida, retratada e percebida nesse cenário. A relevância dessa análise não reside apenas na música em si, mas nas implicações culturais, sociais e de gênero.

Trata-se, metodologicamente, de uma abordagem qualitativa, na qual das 56 músicas interpretadas pela cantora Gaby Amarantos, foram retiradas cinco músicas do seu segundo álbum lançado em 2021 intitulado “Purakê”, sendo elas: “Selfie”, “Amor Fake”, “Ultima Lagrima”, “Vênus em Escorpião” e “Tchau”, todas escritas e interpretadas por Gaby Amarantos com colaborações diversas tais como de Alcione, D. Onete, Elza Soares, Urias, Ney Matogrosso, Jaloo, Arthur Espindola, Renato Rosas, Lucas Estrela, Lucas Gouvêa e Felix Robatto. As músicas foram selecionadas por serem todas de autoria da cantora e por tratar de temas necessários que devem ser alvo de discussões futuras como dependência emocional, o cuidado com relações virtuais e a libertação de relações danosas.

Partindo da análise das letras das músicas da cantora, pretende-se compreender com a representação da mulher implica na sociedade e explorar como essas representações de gênero nas letras do “tecnobrega” refletem e moldam as percepções sociais sobre as mulheres na sociedade nortista e oferecer uma contribuição crítica ao entendimento do papel do gênero musical tecnobrega na construção das identidades de gênero, empoderamento e questões de poder na música popular brasileira.

Esses objetivos orientam a coleta de dados, a análise e a discussão dos resultados. Cada objetivo específico aborda uma faceta importante do estudo, permitindo uma análise das representações de mulheres no gênero tecnobrega e seu impacto na sociedade brasileira. Eles também contribuem para a compreensão do papel da música popular na construção de identidades de gênero e nas discussões de igualdade e empoderamento das mulheres.

O estudo das letras de músicas do “tecnobrega” não apenas oferece percepção sobre as complexas dinâmicas de gênero na sociedade, mas também reconhece a importância cultural e artística do gênero. As letras do tecnobrega são obras de poesia popular, capazes de transmitir emoções profundas e histórias humanas. O estilo em questão, muitas vezes, sofre estigmatização e é alvo de preconceitos de classe, regionalismo e gênero. A análise crítica das letras de músicas do tecnobrega permite destacar o valor cultural e artístico do gênero, desafiando os estigmas associados a ele. Além disso, ao explorar as representações de mulheres no tecnobrega, este estudo

contribui para uma compreensão mais aprofundada das complexidades culturais e sociais do gênero.

Este estudo, partindo do pressuposto de que o debate sobre igualdade de gênero e empoderamento das mulheres é uma questão vital em todo o mundo, oferece uma perspectiva sobre como as representações de mulheres na música popular podem influenciar/traduzem as percepções sociais e as relações interpessoais. Ele contribui para o diálogo mais amplo sobre igualdade de gênero, destacando a importância de reconhecer como a cultura popular influencia e é influenciada por questões de gênero.

Na seção de introdução, busca-se estabelecer o contexto e apresentar a relevância do estudo, delineando o cenário que envolve as músicas de Gaby Amarantos e seu papel no ativismo de gênero no contexto do tecnobrega. Em seguida, a fundamentação teórica oferece uma base para a análise, explorando conceitos e teorias relevantes que fundamentam a pesquisa, enriquecendo a compreensão do leitor. Os estudos críticos de discurso emergem como um ponto crucial, destacando a importância de analisar as letras das músicas de Gaby Amarantos sob essa perspectiva, compreendendo como a linguagem contribui para a construção de significados e pode sustentar discursos que moldam determinadas práticas sociais. A seção subsequente concentra-se nas músicas de Gaby Amarantos, explorando como elas funcionam como veículos de ativismo de gênero no contexto do tecnobrega. A análise das letras, ancorada no modelo tridimensional de Fairclough, proporciona uma abordagem sistemática para desvelar camadas de significados, destacando as nuances discursivas presentes nas composições. Por fim, as considerações finais consolidam os principais achados, fornecendo uma síntese dos resultados obtidos e suas implicações para o entendimento do papel das músicas de Gaby Amarantos no ativismo de gênero.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A pesquisa sobre a imagem feminina no contexto musical da Região Norte, com foco no gênero "tecnobrega" da cantora e compositora Gaby Amarantos, proposta deste trabalho, tomará como base teórica os Estudos

Críticos de Discurso (doravante ECD), na perspectiva de Fairclough (2001) e os estudos sobre gênero e feminismo, de Ribeiro (2017).

ESTUDOS CRÍTICOS DE DISCURSO

Os ECD são uma abordagem interdisciplinar que se concentra na análise das interações linguísticas e discursivas e em como elas refletem e moldam as estruturas de poder, ideologia, cultura e sociedade. Ela fornece uma lente analítica valiosa para examinar textos, incluindo letras de músicas, a fim de entender como discursos específicos contribuem para construir significados e influenciar a maneira como as pessoas percebem o mundo e a si mesmas. As pesquisas subsidiadas por essa abordagem focam não apenas nas estruturas linguísticas, mas também nas relações de poder e nas práticas sociais que são construídas e mantidas por meio do discurso. Esta perspectiva crítica visa desvelar como a linguagem é utilizada para reproduzir e perpetuar desigualdades sociais, ideologias e relações de poder.

Dentro dos ECD, o linguista britânico Norman Fairclough é um dos principais expoentes. Ele propôs um modelo tridimensional de análise que inclui a dimensão do texto (análise linguística), a dimensão do discurso (análise das práticas discursivas) e a dimensão sociopolítica (análise do contexto social e das relações de poder). Fairclough (1992) argumenta que o discurso não é apenas uma representação da realidade, mas uma parte integrante da prática social que contribui ativamente para a construção de significados e identidades. Além de Fairclough, outros autores associados aos ECD incluem Teun A. van Dijk, que concentra sua atenção na análise crítica do discurso político, e Ruth Wodak, conhecida por seu trabalho na análise crítica do discurso em contextos sociais e políticos. Esses estudiosos compartilham a perspectiva de que o discurso não é neutro e que a linguagem desempenha um papel fundamental na manutenção e legitimação de estruturas sociais desiguais. Em resumo, os ECD oferecem uma abordagem interdisciplinar para o estudo da linguagem, conectando-a intimamente com as questões sociais, políticas e culturais.

Ao examinar como o discurso é utilizado para construir e reproduzir formas de poder e desigualdade, os pesquisadores dos ECD buscam conscientizar sobre as dinâmicas sociais subjacentes que moldam e são moldadas pela linguagem e, então, ao aplicar os pressupostos dos ECD à

análise das letras de músicas do gênero tecnobrega, estaremos explorando como essas músicas constroem, reforçam ou desafiam as normas de gênero e as dinâmicas de poder na sociedade brasileira. Isso permitirá uma compreensão mais profunda das complexas interações entre a música popular, o gênero e a cultura.

Dada a natureza poética da música, consideramos pertinente partir do modelo trimensional de Fairclough (1992) para compreender o emprego da linguagem como prática social, o que implica percebê-la como uma forma de ação imersa historicamente, sendo moldada pela sociedade, ao mesmo tempo em que desempenha um papel ativo na construção de identidades, relações e sistemas de conhecimento e crença, tomando como aporte teórico Fairclough (1992) e como base complementar os conceitos do discurso que é baseada na gramática sistêmico funcional, de Halliday (1985).

Além dos já mencionados, serão utilizados estudos de Gênero e Feminismo, visto que utilizar uma perspectiva feminista é essencial para analisar a imagem da mulher na música, se tratando de uma compositora negra oriunda da periferia, na expectativa de “divulgar a produção intelectual de mulheres negras, colocando-as na condição de sujeitos e seres ativos que, historicamente, vêm pensando em resistências e reexistências. (RIBEIRO, 2017)”, e a partir da epígrafe de hooks (2021), não basta falar, pois é fundamental escrever, uma vez que o registro da escrita ganha força associado à reflexão crítica.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

No princípio, partiríamos de uma ideia de utilizar o gênero tecnobrega como um todo, fazendo uso da característica narrativa que ele carrega, ao utilizar os artistas renomados no gênero, sua ordem de aparição para contar uma única história. Ao afunilar esse foco em apenas uma artista, de grande visibilidade nesse gênero musical, como é o caso de Gaby Amarantos, veio à tona a relevância dos temas transversais presentes nessas histórias, como a dependência emocional (vista em Última Lágrima) e o perigo de relacionamentos tóxicos (Tchau), a dependência de tecnologias (Selfie), relacionamentos virtuais (Amor Fake) superação (Vênus em escorpião), por exemplo.

A partir desse primeiro mapeamento temático, foram selecionados os temas-chave, que incluíam, principalmente, os temas empoderamento, liberdade e amor-próprio. Foram selecionadas, em seguida, cinco (5) músicas do álbum recente que pareciam tratar das temáticas de maneira mais ampla, Purakê (2021), qual seja a influência da mídia e da figura masculina sobre a figura da mulher.

Como o foco da pesquisa está em investigar as representações da mulher nas letras das canções, o texto foi analisado a partir da observação de quais participantes estão envolvidos na narrativa, as ações nas quais estão envolvidos e as qualificações/descrições que são feitas sobre coisas, pessoas e lugares.

O procedimento concentrou-se na análise de conteúdo para examinar as letras das músicas e identificar padrões discursivos que se referem à imagem feminina, estereótipos de gênero e outros elementos relevantes, comparação, a partir de que analisamos os resultados à luz das teorias e da literatura revisada, discutindo os excertos, interpretando como essas representações podem refletir ou influenciar as percepções de gênero e a cultura na região.

AS MÚSICAS DE GABY AMARANTOS: ATIVISMO DE GÊNERO NO TECNOBREGA

Gaby Amarantos, cujo nome de registro é Gabriela Amaral dos Santos, nasceu em Belém do Pará, em 1º de outubro de 1978. Ela é uma cantora, compositora e atriz brasileira conhecida por sua influência no cenário musical paraense, especialmente no brega e tecnobrega. Amarantos começou sua carreira na música nos anos 2000, ganhando destaque por sua fusão única de ritmos regionais paraenses com elementos contemporâneos, resultando em um estilo inovador e cativante. Sua música é uma mistura vibrante de carimbó, tecnobrega, pop e outros gêneros, refletindo a diversidade cultural da região amazônica.

Ao longo de sua carreira, Gaby conquistou reconhecimento nacional e internacional, tornando-se uma das artistas mais proeminentes da cena musical brasileira. Suas letras, muitas vezes, abordam temas como empoderamento

feminino, aceitação do corpo e celebração da cultura paraense. Além de sua carreira musical, sua presença carismática e comprometimento com questões sociais solidificaram sua posição como uma figura importante não apenas na música, mas também como uma defensora da diversidade e dos direitos humanos.

Ícone do cenário musical paraense, emergiu como uma figura crucial para a evolução da visibilidade feminina no contexto do brega e tecnobrega. Sua trajetória não apenas desafia estereótipos de gênero, mas também redefine as fronteiras da representação feminina na música, contribuindo significativamente para a quebra de padrões e a promoção da diversidade.

No universo muitas vezes dominado por narrativas masculinas, Amarantos se destaca como uma voz poderosa e autêntica, empoderando não só as mulheres, mas também todo um gênero musical. Sua presença marcante e sua habilidade única de mesclar influências musicais, desde ritmos tradicionais paraenses até elementos contemporâneos, tornaram-na uma referência no cenário musical brasileiro.

Ao analisarmos suas músicas, percebemos como Gaby Amarantos não se limita apenas a romper barreiras sonoras, mas também a desafiar normas sociais arraigadas. Ela utiliza sua plataforma para questionar estereótipos prejudiciais, promovendo a aceitação e celebração da diversidade. Seja através de suas letras envolventes, de suas performances vibrantes ou de sua postura ativista, Gaby inspira uma mudança cultural que transcende as fronteiras da música. No contexto específico do brega e tecnobrega paraense, Gaby Amarantos se destaca como uma das artistas mais influentes, visibilizando a riqueza cultural da região e uma cena musical muitas vezes subestimada.

Quando entrevistada para a revista AGORA RN, a artista declara sobre a influência da música produzida na Amazônia e o tecnobrega:

Sinto que desde o “Treme”, desde o “boom” desse álbum, que trouxe esses hits, a gente vê o quanto o pop bebe na fonte da Amazônia [...] E agora esse tecnobrega vem num novo momento, um pop nortista amazônico que está maduro agora para cada vez mais fincar seu lugar na música popular brasileira.

A sua presença valoriza talentos locais, especialmente femininos, encorajando uma nova geração de artistas a assumir o centro do palco, desafiando preconceitos de gênero que permeiam a indústria da música. Além disso, a capacidade de Gaby em construir pontes entre o tradicional e o contemporâneo, incorporando elementos regionais em produções modernas, contribui para a preservação da identidade cultural paraense. Ela se torna uma guardiã de tradições, ao mesmo tempo em que as reinventa para um público mais amplo.

Gaby Amarantos transcende o papel de uma artista musical convencional. Sua importância para a evolução da visibilidade feminina no brega tecnobrega paraense vai além das notas musicais, refletindo-se em uma transformação cultural significativa. Seu discurso e sua presença marcante desafiam as normas estabelecidas, abrindo caminho para uma indústria musical mais inclusiva e representativa. Ela sobressai não apenas em virtude de sua música envolvente, mas também devido às suas letras inovadoras que desafiam estereótipos de gênero e sociais, desempenhando, dessa maneira, um papel significativo na promoção da evolução da visibilidade feminina no contexto do brega e tecnobrega paraense.

A compositora desafia estereótipos de beleza convencionais em suas letras, promovendo a autoaceitação. Em muitas de suas músicas, ela celebra corpos diversos e rejeita padrões inatingíveis. Ao fazer isso, ela empodera não apenas as mulheres, mas qualquer pessoa que se sinta pressionada pelos padrões estéticos impostos pela sociedade. Além disso, a compositora ocupa uma posição importante na sociedade, sendo uma cantora negra oriunda da periferia e autodeclarada feminista, Gaby expressa suas lutas em suas letras, o que historicamente é uma luta difícil. Como afirma a autora Djamila Ribeiro (2017):

Que mulheres negras, por serem nem brancas e nem homens ocupam um lugar muito difícil na sociedade supremacista branca por serem uma espécie de carência dupla, a antítese da branquitude e masculinidade(...) Mulheres negras nessa perspectiva, não são nem brancas e nem homens e exerceriam a função de Outro do Outro(...). A mulher negra só pode ser o outro e nunca si mesma. Para ela, existe um status oscilante que ora pode permitir que a mulher branca se coloque como sujeito, assim como o homem negro. (RIBEIRO,2017, p.38-39)

Dessa forma, ao trazer o conceito de “Outro do Outro” para discutir a ideia da mulher negra, trata-se de uma circunstância que a deixa em um maior risco de marginalização, ou seja, “num local de subalternidade muito mais difícil de ser ultrapassado” (2017, p.44). Ribeiro (2017) trata do caráter histórico da sociedade, partindo da ideia de que o processo de construção de um conhecimento é moldado a partir das relações de poder, considerando alguns discursos e personagens mais válidos que outros.

Mediante isso, a posição que a cantora ocupa na atualidade lhe possibilita colocar temas que dificilmente são levantados como pauta de outros artistas, principalmente homens brancos. Em suas músicas, aborda questões interseccionais, confirmando que as experiências das mulheres são moldadas por diversos fatores, como raça, classe, sexualidade e identidade de gênero, celebrando a diversidade e confirmando a interconexão dessas diferentes dimensões de identidade.

Muitas letras abordam temas relacionados a relacionamentos e independência. Ela quebra a narrativa tradicional de dependência feminina, destacando a importância da autonomia e da igualdade nos relacionamentos. Suas canções muitas vezes apresentam personagens femininas fortes e independentes, como na canção “selfie”, na qual temos uma figura feminina que retrata ter uma atitude independente e decidida, mencionando que sairá por esse mundo e respirará (“Vou sair por esse mundo, respirar”). Há também uma sugestão de uma abordagem descompromissada em relação a relacionamentos, com a menção de interações físicas (“Com os dedos no meu corpo / Nuns buraco muito louco”). No entanto, ela enfatiza a escolha e a liberdade, indicando que, se a outra pessoa não quiser se juntar a ela, o que restará é apenas uma selfie (“Mas se você não quiser, o que vai ter / Só uma selfie pra você”)

Assim como grande representante do direito das mulheres, Gaby também carrega em suas músicas elementos culturais paraenses, quebrando a visão estereotipada muitas vezes associada à região. Ela mostra que a cultura paraense é rica e digna de celebração, desmistificando preconceitos e estereótipos que cercam o Norte do Brasil, a abordagem de Gaby à música e suas letras pode ser vista como parte do feminismo cultural, que destaca a

importância da cultura popular na formação das identidades de gênero. Ela utiliza a música como uma forma de expressão cultural que desafia as normas sociais e promove narrativas femininas diversas.

A música "Xirley", que não faz parte do corpus do artigo, porém é uns dos grandes sucessos da cantora, não apenas proporciona uma experiência musical vibrante, mas também comunica mensagens de empoderamento feminino, encorajando a expressão individual, a autonomia e a desconstrução de normas de gênero. Essa fusão de elementos musicais e mensagens sociais destaca o papel significativo da cultura popular na promoção de ideias feministas ("E se tu for na aparelhagem / Tu vai ver só, ela vai aprontar"), assim como a repetição da frase "Eu vou samplear, eu vou te roubar!" expressa autoconfiança e determinação. Isso projeta uma imagem de independência e firmeza por parte da figura feminina, reforçando uma mensagem de empoderamento.

Gaby também é conhecida por abordar temas relacionados à diversidade sexual e identidade de gênero. Suas letras desafiam tabus ao falar abertamente sobre questões LGBTQIAPN+, promovendo a aceitação e a inclusão. Ela se torna uma voz para comunidades frequentemente marginalizadas, contribuindo para uma representação mais autêntica na música, sempre em busca de visibilidade para artistas com Jaloo, cantor e produtor não-binário que faz colaboração com a cantora em diversas canções, incluindo as que compõe o corpus do artigo.

Gaby reforça o seu compromisso com as questões relacionadas à diversidade e representatividade quando afirma: "No meu videoclipe falamos de representatividade, a gente precisa falar disso, o Brasil é preto, é índio, é trans, é gay, é mulher e mulher preta, era disso que eu queria falar"(entrevista da Gaby para o observatório G em 06/06/2018) . Ao quebrar esses estereótipos, Gaby Amarantos não apenas cria um espaço mais inclusivo na indústria musical, mas também inspira uma mudança cultural mais ampla. Suas letras não são apenas reflexos de sua própria autenticidade, mas também servem como uma plataforma para a expressão e empoderamento de indivíduos que, muitas vezes, são marginalizados pela sociedade. Dessa forma, ela continua a desempenhar um papel crucial na evolução da visibilidade feminina no brega e tecnobrega paraense.

O gênero musical não é apenas uma combinação de sons, mas também um veículo poderoso de comunicação de ideias, emoções e valores. Dentro desse contexto, a construção da imagem feminina nas letras das músicas desempenha um papel fundamental na representação das mulheres na sociedade. As letras das músicas desses ritmos muitas vezes incorporam estereótipos de gênero tradicionais, nos quais as mulheres são retratadas como frágeis, dependentes emocionalmente e em busca de amor ou proteção masculina.

AS NARRATIVAS SOBRE MULHERES NAS COMPOSIÇÕES DE GABY AMARANTOS

Na composição "Amor Fake", interpretada por Gaby Amarantos (anexo 1), a narrativa se desenrola em torno da experiência do eu lírico em um relacionamento virtual. Inicialmente esperançoso ao conhecer alguém em um aplicativo, o eu lírico se depara com a ilusão e prejudicialidade desse amor. A música expressa arrependimento por se envolver impulsivamente nesse relacionamento, evidenciando uma decepção ao descobrir a falsidade do parceiro.

A reflexão sobre a imprudência de se entregar a um relacionamento virtual sem considerar as consequências é evidente na expressão "Jogando desse jeito". O eu lírico reconhece a necessidade de acordar para a realidade, recusando-se a tolerar um amor falso. A escolha de se afastar representa uma busca pela verdade e autenticidade, apesar do sofrimento. A experiência serve como um catalisador para o fortalecimento pessoal, conforme expresso na frase "Tudo que vivi me fez fortalecer".

A decisão central de esquecer a pessoa marca um passo em direção à recuperação emocional, simbolizando a remoção desse "amor fake" do coração. O uso do termo "fake" está intrinsecamente ligado à crítica contemporânea, especialmente nas redes sociais, destacando a relevância social e cultural na construção da narrativa e a repetição do refrão, especialmente da expressão "Do meu peito", destaca a firmeza dessa decisão, indicando um processo de cura e desvinculação emocional.

A música encerra reafirmando a determinação de esquecer e se recuperar, recusando-se a continuar sofrendo por um relacionamento ilusório. A repetição da expressão "Do meu peito" ressalta o desejo de se livrar completamente da influência negativa desse amor virtual, apontando para um futuro mais positivo e autêntico.

Podemos analisar as dimensões textuais, práticas discursivas e ordens sociais presentes na letra. A escolha das palavras e metáforas reflete uma narrativa pessoal que ecoa experiências mais amplas na sociedade contemporânea, onde os relacionamentos virtuais podem ser complexos e, por vezes, ilusórios. A prática discursiva evidencia a influência das interações online na construção de narrativas emocionais, enquanto a ordem societal revela a busca por autenticidade em meio à superficialidade digital.

Na música "Selfie" (anexo 2), escrita e interpretada por Gaby Amarantos com o apoio de Arthur Espindola e Lucas Gouvea, observamos um contraponto em relação à composição anterior. Enquanto a música anterior abordava a ilusão e a toxicidade dos relacionamentos virtuais, "Selfie" destaca a necessidade do eu-lírico de 'dar um tempo' para se recuperar de experiências desgastantes. No trecho "Eu vou dar um tempo; Vou dar um tempo para me recuperar... Vou sair por esse mundo, respirar", percebemos a decisão de se afastar e buscar uma pausa emocional. O estado emocional é caracterizado como um "tormento", resultante do "desamor" e das relações difíceis, revelando o impacto negativo das experiências anteriores.

A metáfora da bateria esgotada sugere um esgotamento emocional e a falta de paciência para lidar com a superficialidade do mundo virtual, especialmente das redes sociais. A desconexão é apresentada como uma resposta à pressão percebida e à falsidade nas interações online, simbolizadas pela "forçaço de likes". A ironia na menção à desconexão indica a busca por experiências reais e autênticas em contraste com a artificialidade virtual. A alusão a sair pelo mundo, respirar e teclar com os dedos no corpo sugere uma busca por vivências genuínas. A proposta de explorar "buracos muito loucos" pode representar a busca por experiências não convencionais, incluindo o envolvimento sexual. A ironia atinge seu ápice quando o eu-lírico propõe uma "selfie" no espelho do banheiro como a única alternativa para quem não deseja participar das experiências reais. Essa sugestão parece apontar para a

superficialidade das interações virtuais, enquanto destaca a importância de desconectar-se para renovar energias.

É interessante notar a contradição entre a temática da música e a explicação da compositora:

Meu parceiro, o Gareth, é muito avesso às redes sociais. E ele normalmente faz algumas expedições e fica super isolado. Então é normal passarmos um tempo sem nos ver. Eu também estava em uma imersão para o álbum. E, de repente, chega uma selfie dele para mim no celular, ele dizia que uma foto dele era uma declaração de amor para mim, já que não gostava dessas tecnologias toda. Falei para os outros compositores 'Gente é isso', assim nasceu essa faixa.

Enquanto a música reflete uma atitude crítica em relação às redes sociais, Gaby Amarantos compartilha a história da criação da faixa, quando seu parceiro, avesso às redes sociais, expressa amor através de uma selfie. Essa contradição destaca a complexidade das relações e as diferentes perspectivas sobre a presença digital.

Ao analisar a música, identificamos dimensões textuais, práticas discursivas e ordens sociais. A escolha das palavras, metáforas e ironias reflete a narrativa do eu-lírico, enquanto as práticas discursivas revelam a crítica à superficialidade virtual. A ordem social destaca a busca por autenticidade e pausas emocionais em meio às pressões digitais. No âmbito das dimensões textuais, a escolha lexical na letra de "Selfie" contribui para a construção de significados específicos. Termos como "tormento" e "desamor" evocam uma carga emocional intensa, indicando as experiências desgastantes do eu-lírico. A metáfora da "bateria acabou" amplifica o esgotamento emocional, usando uma linguagem associada ao universo digital para comunicar a exaustão.

As práticas discursivas revelam a crítica à superficialidade virtual. A referência à "força de likes" denuncia a artificialidade das interações nas redes sociais, apontando para a pressão de manter uma imagem construída digitalmente. A proposta irônica de uma "selfie" no espelho do banheiro ressalta essa crítica, sugerindo que mesmo a desconexão pode ser superficial, uma vez que a cultura da selfie está enraizada na sociedade contemporânea. A ordem social subjacente destaca a busca por autenticidade e pausas emocionais em meio às pressões digitais. O eu-lírico expressa a necessidade

de "dar um tempo" para se recuperar, evidenciando uma resistência à constante conectividade virtual. Essa busca por uma pausa, pelo "respirar" e pela desconexão temporária, reflete uma resposta individual a um contexto social marcado pela sobrecarga de informações e expectativas online.

Além disso, a contradição entre a temática da música e a narrativa da compositora, conforme expressa na explicação para a origem da faixa, adiciona uma camada de complexidade social. Isso destaca como as relações pessoais e a expressão artística podem coexistir em um espaço onde a crítica às redes sociais pode ser, ao mesmo tempo, incorporada e desafiada. E nos permite uma compreensão mais profunda da interseção entre linguagem, práticas discursivas e contextos sociais na música "Selfie". Ela se apresenta não apenas como uma expressão individual, mas também como um reflexo de dinâmicas sociais mais amplas relacionadas à tecnologia, relacionamentos e busca por autenticidade em um mundo cada vez mais digitalizado.

E, no âmbito das dimensões textuais, a escolha lexical na letra da música "Selfie" desempenha um papel crucial na construção de significados específicos. Termos como "tormento" e "desamor" são cuidadosamente selecionados para evocar uma carga emocional intensa, indicando as experiências desgastantes do eu-lírico. A metáfora da "bateria acabou" é empregada estrategicamente, utilizando uma linguagem associada ao universo digital para comunicar o esgotamento emocional, estabelecendo uma conexão simbólica entre a exaustão e a descarga da bateria.

A música "Última Lágrima" (anexo 3) nos fornece subsídio para uma análise abrangente das dimensões textuais, práticas discursivas e ordens sociais presentes na narrativa. Escolhas lexicais como "saúde," "desilusão," e "esperança" revelam a jornada emocional do eu-lírico após o término do relacionamento.

As práticas discursivas evidenciam a dinâmica de poder, autopercepção e resistência na narrativa. O pedido de ajuda, expresso na solicitação para ser carregado e receber apoio para levantar-se, revela uma vulnerabilidade inicial, marcando a fase de tristeza e dependência emocional. A posterior afirmação de não chorar mais pela pessoa, juntamente com a decisão de não se deixar enganar novamente, indica uma transição para uma posição mais forte e

assertiva. A ordem social posterior destaca a importância do autoempoderamento e da superação do eu-lírico.

A identidade de gênero não é explicitamente definida na letra, permitindo uma interpretação mais universal das emoções exploradas. A referência à "árvore chamada Esperança" adiciona uma dimensão simbólica à narrativa, indicando a busca por um recomeço positivo.

A música também apresenta uma dimensão intergeracional, destacada pela participação de Dona Onete e a conexão entre gerações. Gaby Amarantos menciona que a participação de Dona Onete serve como um contraponto na música:

[...] Ela é um decreto, é sobre dar um basta. A participação da Dona Onete se deu para fazer um contraponto na música que fala de um lugar de vulnerabilidade feminina. Por fim ela conecta uma geração mais jovem com a mais velha para nos lembrar a quem devemos reverenciar.

Falando de um lugar de vulnerabilidade feminina, essa dinâmica reflete uma ordem social mais ampla relacionada à reverência e aprendizado entre diferentes gerações. A música "Última Lágrima" explora não apenas as complexidades emocionais de um término, mas também a jornada de superação, autodescoberta e renovação, e também destaca como a linguagem, as práticas discursivas e as ordens sociais estão interligadas na construção dessa narrativa, oferecendo uma visão mais profunda das complexidades das relações interpessoais e da resiliência individual na sociedade moderna.

A música "Tchau" (anexo 4), composta em colaboração com Jaloo e Lucas Gouvea, reflete a narrativa de um relacionamento iniciado em fevereiro. O eu lírico descreve esse encontro como um "amor de pica", evidenciando uma conexão inicialmente física e intensa. Contudo, a incerteza sobre se a relação "vinga" introduz uma nota de dúvida desde o início, sugerindo uma reflexão sobre a durabilidade do relacionamento. As práticas discursivas revelam a falsidade subjacente no relacionamento. O eu lírico expõe a descoberta de que a "vibe 'tava rolando legal" até o momento em que se revela ser "tudo uma farsa". A metáfora das "máscaras" caindo simboliza a exposição da verdade oculta pelo parceiro, evidenciando uma quebra de confiança.

Os questionamentos do eu lírico sobre sua própria dependência emocional e a aceitação de ser silenciado mesmo após ser enganado sugerem

uma profunda reflexão sobre as complexidades do relacionamento tóxico. A decisão de "cortar pela raiz" destaca a determinação do eu lírico em encerrar o vínculo, assumindo as consequências dessa escolha. A referência à convivência com as cicatrizes indica uma aceitação das marcas deixadas pela experiência, revelando a inevitabilidade das consequências emocionais e a desvalorização do passado, expressa na frase "E o que um dia foi essencial Nem para foder me serve no final", reflete uma visão cética em relação às memórias positivas do relacionamento, indicando que o eu lírico considera que essas experiências passadas perderam seu significado.

A repetição insistente da palavra "tchau" no trecho final enfatiza a decisão de despedida e encerramento do relacionamento. Essa repetição sugere uma mistura de sentimentos, incluindo resignação, alívio e determinação por parte do eu lírico. Fairclough permite uma análise mais aprofundada das dimensões textuais, práticas discursivas e ordens sociais presentes na música "Tchau". Ela não apenas narra a experiência de um relacionamento inicialmente apaixonado, mas também expõe os aspectos negativos e a falsidade subjacentes, culminando na decisão de despedida e encerramento. A escolha lexical desempenha um papel crucial na construção de significados específicos. Termos como "amor de pica," "farsa," e "máscaras" revelam a intensidade inicial do relacionamento, seguida pela descoberta da falsidade e da mascarada do parceiro e as práticas discursivas evidenciam a dinâmica de poder e desigualdade no relacionamento. O questionamento do eu lírico sobre por que gosta tanto do parceiro, por que depende dele e por que permite ser silenciado sugere uma reflexão sobre a dependência emocional e a dificuldade de romper com um relacionamento tóxico. A decisão de "cortar pela raiz" reflete a determinação do eu lírico em encerrar o relacionamento, uma ação que desafia as normas sociais que muitas vezes pressionam as pessoas a permanecerem em relações prejudiciais.

A ordem social subjacente destaca a importância do autoempoderamento e da libertação do eu lírico. A aceitação das 'cicatrizes' e a desvalorização do que um dia foi essencial no relacionamento indicam um processo de cura e renovação. A repetição da palavra "tchau" enfatiza a decisão de se despedir, não apenas do parceiro, mas também de padrões sociais que perpetuam relacionamentos nocivos. Em um contexto mais amplo,

a música "Tchau" de Gaby Amarantos reflete as dinâmicas contemporâneas de relacionamentos, destacando a importância da autonomia e do rompimento com padrões prejudiciais.

A letra da música "Vênus em Escorpião" (anexo 5) revela uma narrativa multifacetada sobre dor emocional, superação e a natureza do amor. A expressão inicial da dor que se instala no peito do eu lírico estabelece um tom emotivo, reconhecendo essa dor e, ao mesmo tempo, afirmando a disposição de não ignorá-la, permitindo-se chorar como parte do processo de lidar com a tristeza.

As práticas discursivas presentes na música abordam a resiliência do eu lírico diante das adversidades emocionais. A recusa em se deitar para a tristeza demonstra uma postura de resistência, uma decisão consciente de não permitir que a dor abale a vida. A perspectiva otimista do eu lírico, expressa na afirmação de que logo estará aberto para se apaixonar novamente, adiciona uma dimensão de esperança à narrativa. A referência a sair para a rua sentindo o vazio sugere uma aceitação do espaço emocional que pode existir após uma experiência dolorosa, indicando uma maturidade emocional na abordagem do eu lírico em relação à ausência. A recusa em culpar o próprio coração, o destino ou elementos místicos como Vênus em Escorpião sugere uma compreensão de que o amor e a dor fazem parte da vida, e a responsabilidade não deve ser atribuída a entidades externas.

A repetição da frase "Eu gosto mesmo é de amar" destaca a valorização e preferência pelo amor, mesmo diante das dificuldades. Essa preferência é reforçada pela explicação da compositora de que a música trata de sair para a rua e amar, contrastando com o conteúdo crítico do videoclipe em relação a questões ambientais e sociais. Essa dualidade enfatiza a crença na capacidade de amar como um elemento positivo na vida. Quanto à ordem social subjacente, a música aborda a dualidade do amor e da dor, destacando a resiliência diante das dificuldades emocionais e a abertura para novas experiências amorosas no futuro. A incorporação da astrologia, especialmente a referência à Vênus em Escorpião, adiciona uma camada de simbolismo místico, destacando a intensidade emocional associada a esse posicionamento astrológico.

Como se fosse uma espécie de história sendo contada, temos cinco eu-líricos que se complementam e se assemelham, uma história que começa com

uma figura feminina em busca de um amor e se deparando com um relacionamento falso, tóxico que se apresentou através de uma rede social, para em seguida mostrar uma faceta de superação e libertação do relacionamento fracassado, e decidindo se afastar dessa pressão das redes sociais, para, no fim, achar um amor de carnaval, que novamente a decepciona mais que já está mais do que disposta a não sofrer. O que nos traz para a atualidade, como ainda são narradas as relações afetivas de forma como unilateral, na qual só um é responsável pela construção e manutenção do relacionamento, nos sugere relações fracassadas por contas de expectativas criadas no outro, da irresponsabilidade afetiva, e algo mais recente o autocuidado feminino, pois, o machismo ainda existe, relacionamentos abusivos ainda são frequentes, porém cresce cada dia mais o número de mulheres empoderadas que não aceitam mais o que era dito “normal”.

As composições da Gaby vão além da arte, influenciando mulheres a saírem de suas zonas de conforto e rejeitarem relacionamentos prejudiciais. Sua trajetória de sucesso representa uma poderosa narrativa de superação, incentivando mulheres a perseguirem seus sonhos. As letras de suas músicas, ao abordarem amor-próprio e independência, servem como ferramentas de empoderamento. A representatividade de Gaby desafia padrões sociais, inspirando mulheres a quebrar expectativas. Ao expressar suas próprias histórias, ela encoraja outras a fazerem o mesmo, promovendo relacionamentos saudáveis baseados no respeito mútuo. Em suma, a música de Gaby não apenas entretém, mas capacita e motiva as mulheres a buscarem uma vida autêntica e satisfatória.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

À luz das análises aprofundadas das letras das músicas de Gaby Amarantos, sob a perspectiva do modelo tridimensional de Fairclough, emerge uma narrativa rica e multifacetada que vai além da superfície das palavras. Cada composição apresenta nuances textuais, práticas discursivas e reflexões sobre as ordens sociais, proporcionando uma compreensão mais holística das experiências e desafios enfrentados nas relações interpessoais na contemporaneidade.

Gaby Amarantos, vencedora do Grammy Latino 2023 e mulher negra oriunda da periferia, destaca-se não apenas como uma artista talentosa, mas também como uma narradora engajada e crítica da sociedade. Suas letras transcendem a mera expressão artística, tornando-se veículos para explorar temas como a superficialidade virtual, relacionamentos tóxicos, resiliência emocional e a busca pela autenticidade.

A aplicação do modelo tridimensional revelou como as escolhas lexicais e as metáforas contribuem para a construção de significados específicos, permitindo vislumbrar práticas discursivas que oferecem insights sobre as dinâmicas de poder e resistência presentes nas narrativas. A ordem social subjacente nas letras reflete não apenas as experiências individuais, mas também as complexidades e desafios enfrentados por uma geração imersa na era digital e, ao abordar temas como a dependência emocional, a pressão das redes sociais, a superação de decepções amorosas e a valorização do amor-próprio, as composições de Gaby Amarantos transcenderam as fronteiras da arte, servindo como instrumentos de empoderamento. Suas músicas oferecem uma visão autêntica e provocativa sobre as relações humanas, desafiando normas e inspirando mulheres a rejeitar padrões prejudiciais e buscar uma vida autêntica e satisfatória.

Em resumo, as análises das músicas de Gaby Amarantos destacam não apenas a qualidade artística de suas composições, mas também a relevância social e cultural de sua obra. Sua música não apenas reflete a realidade contemporânea, mas também contribui para moldar as conversas em torno de questões cruciais, transformando sua arte em uma plataforma de conscientização e capacitação.

Este estudo, em uma perspectiva mais ampla, pretendeu ser uma contribuição para um debate em andamento, fornecendo um vislumbre das complexas interações entre música, cultura e identidade de gênero na região Norte do Brasil.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Rafael José. Do brega paraense ao tecnobrega: história e tradição na websérie Sampleados. Galaxia (São Paulo, online), n. 35, mai-ago., 2017, p. 80-92. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/gal/a/f7dYDkS5DqzJBVrghBySGNN/?format=pdf&lang=pt#:~:text=O%20tecnobrega%20nasceu%20do%20brega,bregacalypto%2C%20influenciados%20pelo%20estilo%20caribenho>. Acesso em 23 dez. 2023.

CUNHA, Maria Angélica Furtado da & SOUZA, Maria Medianeira de. Transitividade e seus contextos de uso. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

RIBEIRO, Djamila. O que é lugar de fala? Coleção Feminismos Plurais, Belo Horizonte: Editora Letramento, 2017.

FAIRCLOUGH, Norman. Discurso e mudança social. Trad. (Org.) Izabel Magalhães. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.

FAIRCLOUGH, Norman. Critical discourse analysis: papers in the critical study of language. New York: Longman, 1995.

FAIRCLOUGH, Norman. Discurso, mudança e hegemonia. In: PEDRO, Emília R. (Org.). Análise Crítica do Discurso: uma perspectiva sócio-política e funcional. Lisboa: Editorial Caminho, 1997. p. 77-104.

Sites consultados

<https://observatoriog.com.br/parada-lgbt/gaby-amarantos-discursa-sobre-a-importancia-da-representatividade-lgbt-nas-midias-precisamos-falar-disso>

<https://agorarn.com.br/ultimas/gaby-amarantos-defende-som-norte-nordeste/>

<https://sobredesign.wordpress.com/2007/06/26/frida-kahlo-analise-de-imagem/>

<https://music.apple.com/br/album/selfie/1581517686?i=1581518085>

<https://blog.oceane.com.br/astrologia/venus-astrologia/>

<https://gshow.globo.com/horoscopo-etc/noticia/escorpiao-confira-as-caracteristicas-do-signo.ghtml>

https://open.spotify.com/artist/5kn7l4yaJxtNhj583LmL9L?si=be_J0H51RUCMrILuBqAmBw

ANEXOS

ANEXO 1

AMOR FAKE

Fake, fake, fake
Quando eu te conheci
Lá naquele app
Pensava que você seria meu amor
Vinha me salvar, tirar toda essa dor
Inconsequente eu me entreguei
Mesmo assim não enxerguei
Quando percebi doeu admitir
Você só fez mal pra mim
Como é que eu pude me arriscar
Jogando desse jeito
E me deixar manipular
Foi meu pior defeito
É hora de acordar
Não vou mais aceitar
Pois tudo que eu vivi
Me fez fortalecer
Sinto muito, não vou sofrer
Eu decidi te esquecer
Vou me recuperar
Pra poder te arrancar
Do meu peito baby
Decidi te esquecer
Vou me recuperar
Pra poder arrancar
Esse amor fake
Decidi te esquecer
Vou me recuperar
Pra poder arrancar
Esse amor fake
Do meu peito baby
Do meu peito
Do meu peito
Esse amor fake
Decidi te esquecer
Vou me recuperar
Pra poder arrancar
Esse amor fake

ANEXO 2

SELFIE

Eu vou dar um tempo
Vou dar um tempo pra me recuperar

Só eu sei do meu tormento
Já neurei de tanto desamor, vou desconectar
É que a minha bateria acabou
Sem paciência pra esse mundo impostor
Dessa forçação de likes que alimenta a falsidade
E eu prefiro ficar off, meu amor
Vou sair por esse mundo, respirar
Se você vier comigo, vai teclar
Com os dedos no meu corpo
Nuns buraco muito louco
Mas se você não quiser, o que vai ter
Só uma selfie pra você
Do espelho (do espelho)
Do banheiro
Faço uma selfie pra você
Do espelho (do espelho)
Do banheiro
Faço uma selfie pra você
Eu vou dar um tempo
Vou dar um tempo pra me recuperar
Só eu sei do meu tormento
Já neurei de tanto desamor, vou desconectar
É que a minha bateria acabou
Sem paciência pra esse mundo impostor
Dessa forçação de likes que alimenta a falsidade
Eu prefiro ficar off, meu amor
Vou sair por esse mundo, respirar
Se você vier comigo, vai teclar
Com os dedos no meu corpo
Nuns buraco muito louco
Mas se você não quiser, o que vai ter
É só uma selfie pra você.

ANEXO 3

ÚLTIMA LAGRIMA

Me carrega onde eu não puder andar
Me dá as mãos pra me levantar se eu cair
Me carrega onde eu não puder andar
Me dá as mãos pra me levantar se eu cair
Você me deixou
Com esse aperto no meu coração
Com essa saudade aqui dentro
Eu fiquei aqui, sofrendo assim
É, é triste descobrir que você tem alguém
Já não me quer me mais

Vou olhar pra trás sem me arrepender
De ter entregado corpo e alma pra você
Parece que você se esqueceu
De tudo aquilo que a gente viveu
Da nossa linda história de amor
Que o vento levou
Sim, você fez o meu corpo se acender
Mas pra me enganar tá pra nascer
É a última lágrima que vou chorar
Vai pensando que você tá viajando
Nessa tua estrada
Que tu vai navegando na tua cabeça
Que a gente faz grandes viagens
No nosso pensamento
Você me deixou
Com esse aperto no meu coração
Com essa saudade aqui dentro
Eu fiquei aqui, sofrendo assim
É, é triste descobrir que você tem alguém
Já não me quer me mais
Vou olhar pra trás sem me arrepender
De ter entregado corpo e alma pra você
Parece que você se esqueceu
De tudo aquilo que a gente viveu
Da nossa linda história de amor
Que o vento levou
Sim, você fez o meu corpo se acender
Mas pra me enganar tá pra nascer
É a última lágrima que vou chorar
Parece que você se esqueceu
De tudo aquilo que a gente viveu
Da nossa linda história de amor
Que o vento levou (que o vento levou)
Sim, você fez o meu corpo se acender
Mas pra me enganar tá pra nascer
É a última lágrima que vou chorar por você
(Por você)
Pra tudo tem uma saída, meu amor, pra tudo
É nisso aí que eu estou, também, me agarrando
Nesta árvore chamada Esperança
Vai florescer e vai dar muitos frutos

ANEXO 4

TCHAU

Eu te conheci em fevereiro
Foi aquele amor de pica
Tantas vezes eu pensei
Será que a gente vinga?
A vibe 'tava rolando legal
Até q descobri que era tudo farsa
A tua falsidade derrubou todas as tuas máscaras
Por que é que eu gosto de você?
Por que dependo tanto de você?
Por que que eu deixo você me calar?
Se aproveitar de mim pra me enganar
Vou te cortar pela raiz
E conviver com essa cicatriz
E o que um dia foi essencial
Nem pra foder me serve no final
Tchau (Tchau)
Eu te conheci em fevereiro
Foi aquele amor de pica
Tantas vezes eu pensei
Será que a gente vinga?
A vibe 'tava rolando legal
Até que descobri teu lado traiçoeiro
Das tuas boas intenções
No inferno já creio
Por que é que eu gosto de você?
Por que dependo tanto de você?
Por que que eu deixo você me calar?
Se aproveitar de mim pra me enganar
Vou te cortar pela raiz
E conviver com essa cicatriz
E o que um dia foi essencial
Nem pra foder me serve no final
Tchau

ANEXO 5

VENUS EM ESCORPIÃO

Dor que se instalou no meu peito
Não vou te ignorar
Eu me permito chorar
Só sei que pra tristeza não deito
E pra ludibriar
Daqui a pouco vou me apaixonar
Eu vou pra rua sentindo o vazio (vazio)
Não boto culpa no meu coração (coração)

Não boto culpa no demo
Nem no karma e nem na vênus em escorpião

Eu gosto mesmo é de amar

(eu gosto mesmo é de amar)

Eu gosto mesmo é de amar

Dor que se instalou no meu peito

Não vou te ignorar

Eu me permito chorar

Só sei que pra tristeza eu não deito

E pra ludibriar

Daqui a pouco vou me apaixonar

Eu vou pra rua sentindo o vazio (vazio)

Não boto culpa no meu coração (coração)

Não boto culpa no demo

Nem no karma e nem

Na vênus em escorpião

Eu gosto mesmo é de amar

Eu gosto mesmo é de amar

Eu gosto mesmo é de amar

Eu gosto mesmo é de amar

(Eu gosto mesmo é de amar)

Eu gosto mesmo é de amar

Eu gosto mesmo é de amar

Eu gosto mesmo é de amar

(Eu gosto mesmo é de amar)

(Eu gosto mesmo é de amar)

Eu gosto mesmo é de amar

Eu gosto mesmo é de amar

amar

(Eu gosto mesmo é de amar) amar

(Eu gosto mesmo é de amar) amar

Vênus em escorpião